

Os efeitos da liberação das medidas de restrição do contato social: análise preliminar

Prof. Dr. Tomás Daniel Menendez Rodriguez¹ & Profa. Dra. Ana Lúcia Escobar²

Diante da divulgação dos casos atuais da pandemia por COVID19, observa-se claramente a falta de bom senso de diversos setores da sociedade diante dos fatos. Em vários locais do país, justo quando os números indicavam uma certa estabilização, foram iniciados processos de liberação das mais variadas atividades, desde econômicas até as ditais sociais, incluindo passeios e atividades ao ar livre. Os resultados que estão sendo apresentados acompanham exatamente aquilo que os pesquisadores indicavam: o aumento do número de casos e de óbitos.

Aqui em Rondônia não está sendo diferente. Desde o início houve grande relutância por parte das autoridades governamentais e dos mais variados setores empresariais em adotar aquilo que a ciência preconizava para todos os lugares: isolamento social, com indicação geral de que as pessoas deveriam permanecer em suas casas, sem aglomerações e sem circulação. O que se verificou foi a adoção de medidas de isolamento geral, que gradativamente foram sendo relaxadas. Ao ponto de que, em alguns locais, as autoridades municipais desconsideraram as determinações estaduais e mantiveram as atividades comerciais como se nada estivesse ocorrendo. Ao ponto de que alguns prefeitos, inclusive, terem sido flagrados em bares, confraternizando com populares. Ademais, o próprio Governador manifestou seu desacordo com as medidas de isolamento, mais de uma vez, especialmente ao adotar atitude leniente para o cumprimento de tal isolamento, mesmo diante de decisão judicial que assim determinava. Obviamente, a população entendeu os sinais emanados das autoridades: abandonou o isolamento e atualmente age como se a pandemia tivesse ababado. Mais ainda: como se tratamento houvesse, a vacina já estivesse disponível e que todos já estivessem vacinados.

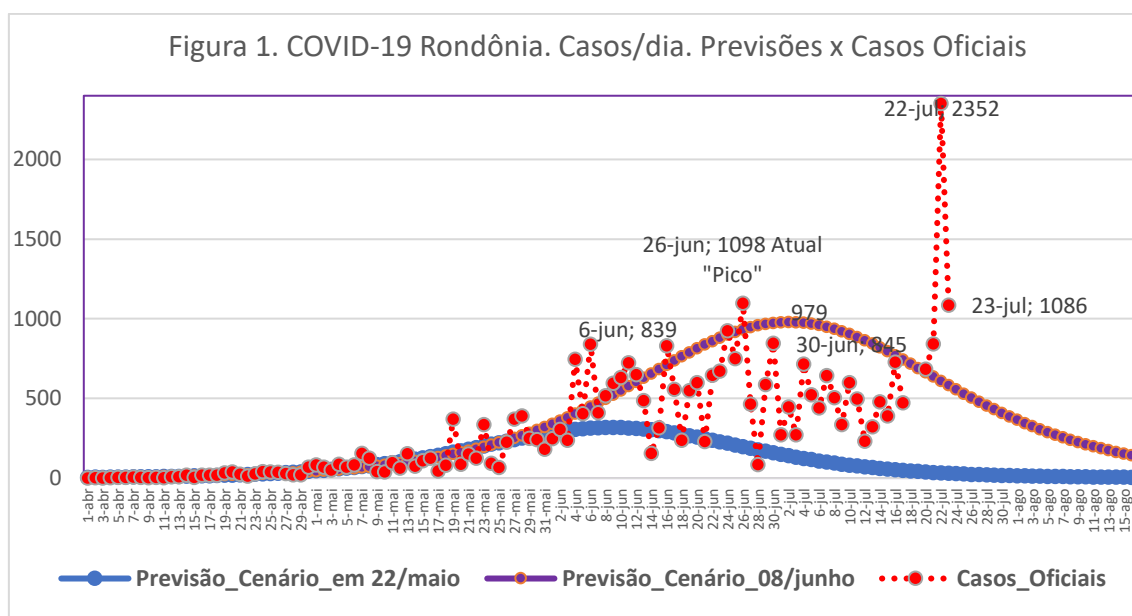
No entanto, o que se observa nestes últimos dias indica exatamente o contrário. Recuperando a memória, em 26/06 foram registrados 1098 casos, que foi considerado o pico da pandemia no Estado. E em 11/06 foram registrados 26 óbitos, o maior número. Foram registrados no dia 22/07 2352 casos e 31 óbitos, os maiores números desde o início da pandemia. Há algumas possíveis explicações para isso. Em primeiro lugar, a ausência de notificações de casos em alguns municípios, durante dois dias seguidos. Ao ponderar esta situação, mesmo assim, o número de casos se mantém muito elevado. Fato muito relevante, e

1 Professor Titular, Departamento de Matemática. Fundação Universidade Federal de Rondônia

2 Professora Titular, Departamento de Medicina. Fundação Universidade Federal de Rondônia

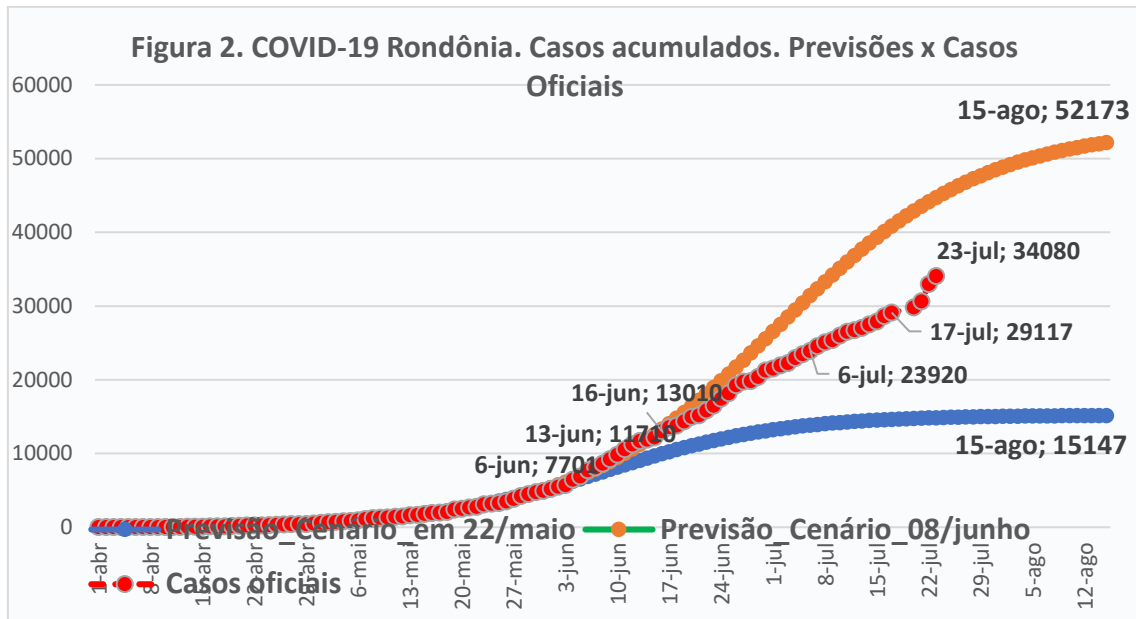
que certamente está sendo determinante para estes números tão elevados, foi a passagem de vários municípios do estado, sem levar em consideração o comportamento da pandemia, do nível 1 (mais restritivo) para o nível 3 (quase tudo liberado) de isolamento social. Neste nível só não estão abertas ainda as casas noturnas, cinemas e shows. E não há nenhum cuidado por parte das pessoas no que se refere a evitar aglomerações, seja em locais fechados ou em ambientes abertos. Essa passagem rápida de fases de 1 a 3, e o pouco controle e fiscalização do Estado e dos municípios sobre as normas para as aberturas, unido ao aparente alcance do “pico” da doença no fim de junho, podem ter criado na população uma falsa sensação de confiança na situação, acreditando que “está tudo bem, sob controle, podemos ir todos para as ruas e voltar às festas e encontros”. Pelos últimos dados, temos uma retomada perigosa da infecção por COVID-19 no Estado, muito alta ainda no município de Porto Velho, e, pior ainda, se “interiorizando” mais rapidamente para outros municípios.

Observe-se nas figuras a seguir o comportamento das notificações diante das previsões anteriormente divulgadas por estes autores. Na figura 1 estão apresentadas as curvas de previsões de casos diários para os dois cenários desenhados e o número de casos diários notificados. Os casos notificados no dia 22/07 superaram em muito o pior cenário. E mesmo que os casos tivessem sido regularmente notificados nos dias anteriores, ainda assim está-se diante de uma situação crítica.

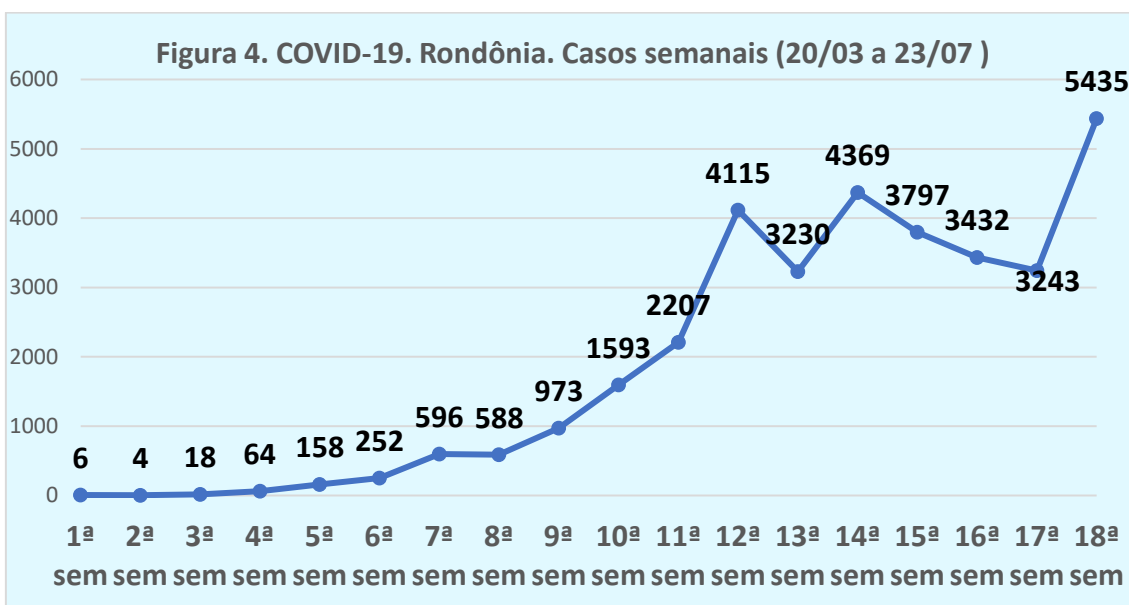
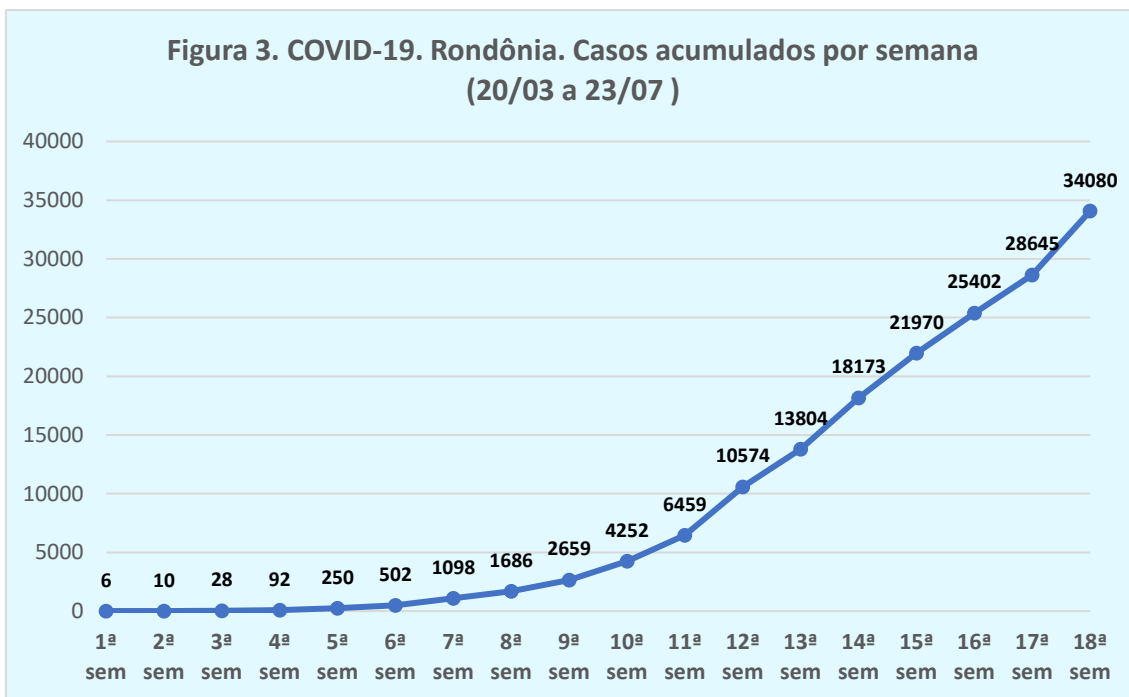


Na figura 2 estão apresentadas as previsões gerais dos dois cenários e a curva de casos notificados. Até o dia 22/07 a curva dos casos notificados apresentava uma aparente estabilidade. Isto é, aparentemente a pandemia teria atingido o platô, mesmo que em níveis elevados. No entanto, com o aumento expressivo de casos, a curva sofreu uma inflexão para

cima, o que pode indicar que o pior cenário poderá ser superado em não muito distante momento.



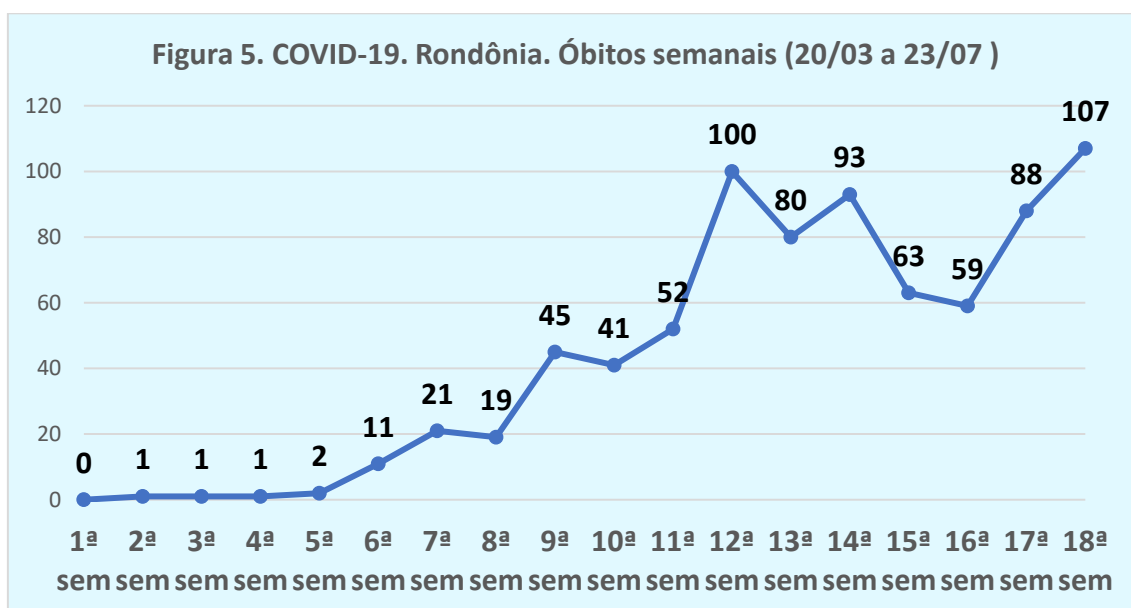
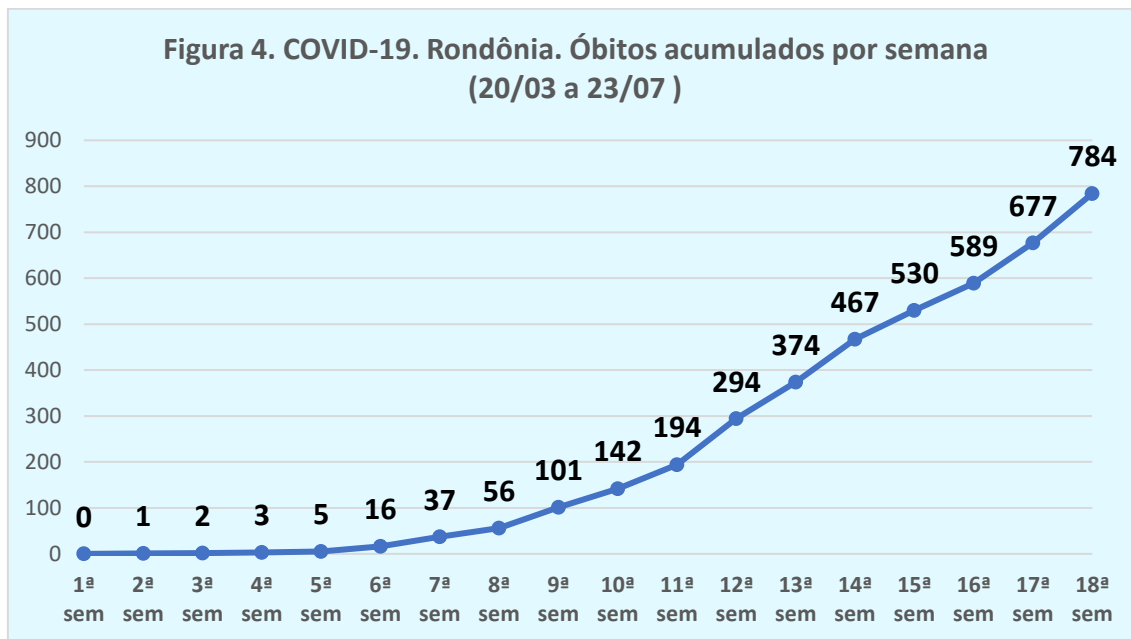
Para suprir a falta de informações entre os dias 18 e 21 de julho pode ser analisada a situação do número de casos acumulados por semanas de Covid-19 em Rondônia. Nesse caso, o possível “falso pico” de 2352 casos novos publicados no dia 22 que contém o acumulado de vários dias, já que a última informação confiável era do dia 17 de julho. Casualmente a 18ª semana de Covid-19 em Rondônia compreende os dias de 17 a 23 de julho, ou seja, acumula os dados dos dias com problemas de informação, acertando, nesse caso, as informações da semana. Nas figuras 3 e 4 estão apresentados os casos acumulados no Estado por semanas de Covid-19 e o número de casos semanais, que mostram a perigosa retomada da doença.



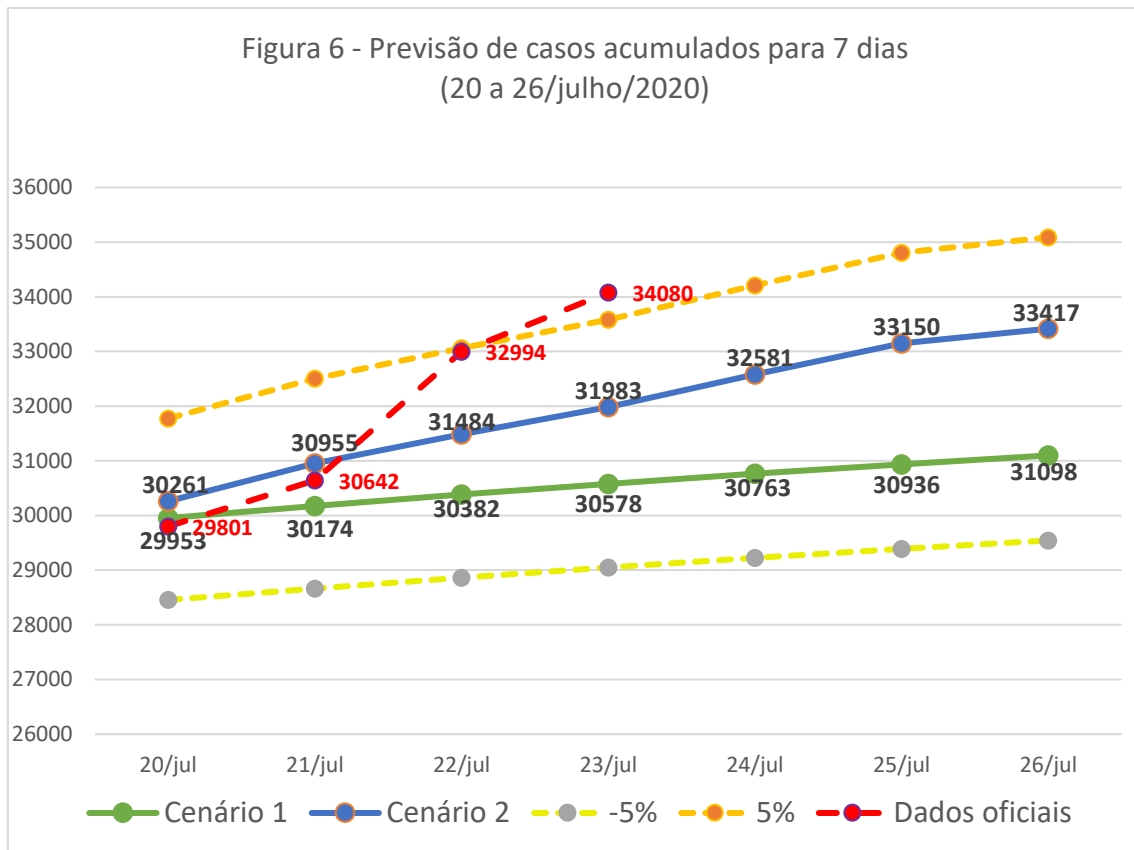
Observação: A semana 12 (de 05 ao 11 de junho) com 100 casos era a pior até a retomada da velocidade de crescimento a partir da 16ª semana (quando começaram os relaxamentos das fases) até esta última semana (de 17 a 23 de julho) onde foi superado aquele recorde negativo com 107 casos.

No caso dos óbitos, as figuras 4 e 5 mostram a situação acumulada nas 18 semanas e o número de mortes semanais que acompanhou o crescimento do número de casos. Mais uma vez se demonstra que na semana que termina em 23 de julho (semana 18) ultrapassa o maior

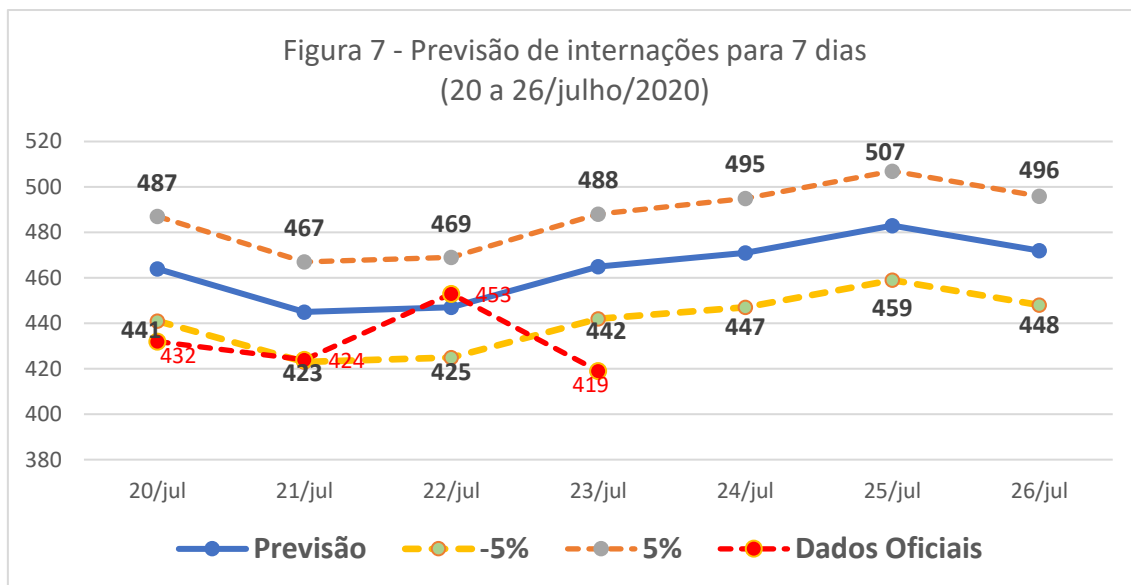
número de óbitos semanais que era na semana 12, prévia ao mencionado “pico”, que a atual retomada está abandonando.



Na figura 6 estão apresentadas as curvas de predição de casos para a semana corrente, entre 21 e 26/07, e a curva de casos notificados dia a dia. Os dados oficiais já ultrapassaram o limite superior do intervalo de confiança para o pior cenário. A tendência é que os casos superem em muito as predições.



Na figura 7 estão as previsões de internação, juntamente com os dados divulgados acerca das internações diárias. No dia 22/7 as pessoas internadas, muito embora ainda dentro do previsto pelos autores, apresentavam tendência de aumento, o que é preocupante diante da situação da rede assistencial. Aliado a isto, vem ocorrendo aqui o mesmo que em outros estados: a interiorização da pandemia, com o aumento acentuado de casos em praticamente todas as regiões de saúde. Deve-se destacar que as autoridades locais da Macrorregião II (Cacoal) têm se manifestado diante do colapso por que passam os serviços de saúde naquela região. E manifestações de outros locais que vêm indicando que não mais atenderão pessoais de outros municípios que não aqueles da sede da região de saúde. E que estes deverão ser encaminhados todos para Porto Velho.



Diante destes dados, pode-se concluir que a situação da pandemia por Covid-19 no Estado de Rondônia está de acordo com as notícias da grande imprensa, que apontam para o crescente número de casos, pacientes graves e óbitos. Isto é, a decisão governamental de reduzir o isolamento social, atendendo aos anseios empresariais, passando a maioria dos municípios do Estado da fase I diretamente para a fase III, está se expressando muito rapidamente na piora da situação da pandemia. Certamente a lotação dos leitos clínicos e de UTI não pode ser o único critério para estabelecer os graus de isolamento. As famílias e a sociedade sofrem não apenas com as pessoas internadas. A ocorrência da doença força a quarentena (nem sempre realizada de forma adequada). E isto faz piorar a situação social e econômica de todos. Não é demais reafirmar: a única medida comprovada de prevenção do espalhamento da doença é o isolamento social. Não há outra forma de reduzir o sofrimento de todos.